

QUINTA-FEIRA
Lisboa--17 de Outubro--1929

4.º ANO

5103

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

178



sempre **fixe** semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O ex-barbeiro criado de restaurante



-Encoste-se um pouquinho para trás, sim?



-Que lindos dias que tem estado, não é verdade?



-Deseja a barba muito escanhoada? Esteja quieto, se faz favor.



-Rhum e quina ou violas? Não? Muito bem. Um pouco de brilhantina?



-O cavalheiro que se segue!



-E foize sem dar gongala! Desconfio que o velhote era muito distraído. Na tipos que estão sempre na lua...



Os ditos da semana



Boletim meteorológico

O tempo anda a brincar às escondidas. Ora se está no verão, ora se está no inverno. Põem-se e tiram-se os «pallhinhas» ao saber do tempo, porque o tempo já não sabe às quantas anda.

Desde que se adiantam e atrasam os relógios, não pelo que manda o sol, mas pelo que mandam os decretos, o tempo que é soberano, deu em fazer a mesma coisa.

Ora Agosto, ora Janeiro.

Anda para traz e anda para deante, convencido de que, se os relógios, que são filhos, podem dançar laes contradanças, também ele tem o direito de se adeantar ou atrasar conforme lhe dê na gana.

Nem mesmo se compreendia que se permitisse aos filhos o que se proíbe aos paes.

A casa do tempo é como a do sapateiro de Braga.

Pois se as horas avançam e recuam porque não hão de avançar e recuar os mezes e as estações, numa cidade onde as estações são tantas que começam no Rocio e acabam em Braço de Prata. Um braço que até parece de santo, em dias de mau humor...

O inesgotável

Depois de nove mezes de silencio, renasce a questão Algã, donde se conclue que nascer e renascer leva o mesmo tempo.

Nadir Kan tomou Kabul como quem toma um capile e vae restitui-la ao seu antigo soberano Amanulá, depois de terem passado pelo trono todos os principes da dinastia dos *las* que se podiam encontrar no Afgnição.

Daqui a pouco, restabelecida a normalidade constitucional, Amanulá chama seu filho Ola e diz lhe assim:

Olha lá, Ola, vamos reinar, mas para quebrar e enguicho, já que nos encontramos outra vez cá, fundemos uma nova dinastia, a dinastia dos *cós*: eu passo a ser Amanucá e tu Ocá. E cá estamos.

Amostras

O acontecimento da semana tem sido a Feira das Amostras, no Estoril.

Nada podia haver mais a caracter.

Da Cruz Quebrada para baixo mostra-se tudo, porque é moda, porque é fino, porque é do tom.

Antigamente não se mostrava nada e até havia quem se indignasse só porque Santo Amaro estava de côcoras.

Agora já as amostras se fazem com musica e anuncio nos jornaes.

A feira começou na praia, ai por alturas dos fins de Julho. Belos stands, otimas instalações, desalogadas rotundas nacionaes e estrangeiras.

Cada um apresentava os generos que tinha, sobresaindo sempre o genero femenino.

E o publico acorreu presuroso desde o primeiro dia, sempre ávido de novas mercadorias, algumas mesmo novinhas em folha. Via com os olhos e comia com a testa porque sómente de amostras se tratava.

E nem sequer era permitido apalpar com os dedos como se faz ás amostras do Grandela, porque se o fosse, havia de se estragar muita

mercadoria, dado que o portuguezinho valente é como S. Tomé: para acrelitar tem de meter o dedo na ferida.

Eugenio de Castro

Mais um livro, e notavel, de Eugenio de Castro.

«Ecolgas» se chama, mas podia chamar-se fonte celestial, tão limpidas e cantantes são as suas estrofes que só a agua purissima e murmurante se assemelham.

Não pode exigir-se dum poeta, maior perfeição de forma, nem mais profundos conceitos.

Ali, tudo é cristalino e puro, doce, suave e branco da brancura imaculada das rosas brancas.

E só os versos é que não são brancos, porque rimas tem nas das melhores, das mais dificeis e das mais perfeitas.

Avê, mestre.

Salema Vaz



Depois de ter felto sucesso na «Terra de Ninguém» deu a Costa do Sol chelo de «Suavidade» e de outras coisas mais...

Só para espreitar...

A' semelhança do que se passa em Londres, Constantinopla vae ter também uma policia femenina para repressão da immoralidade publica.

E' uma medida de grande alcance.

As mulheres policias vão conseguir, com a sua fraqueza, o que o sexo forte nunca foi capaz de conseguir, com a sua força.

Até agora a policia masculina, afastava-se, segundo parece, dos antros de immoralidade e a immoralidade campeava livremente, por falta de quem a reprimisse.

Este estado de coisas não podia continuar. Era necessario que alguém se interessasse pela depravação social e então creou-se a policia feminina.

A essa nada escapa!

Em cheirando a pouca vergonha, lá estão caidas as mulheres, graças aquele sexto sentido que as faz adivinhar onde ha contrabando.

Quem quizer encher o papinho alista-se na policia femenina de Constantinopla, onde as mulheres por pudor, tapam o rosto. Mas parece que não tapam mais nada.

Quantas conhecemos nós que, de boa vontade, trocariam o manto de seda pela farda de policia femenina, só para espreitar... em nome da moral.

A grande burla

E, foi, tem sido e ha de ser sempre a grande burla.

Mas que grande Burla com B grande, grosso e carregado.

Amarelhe milionario

Amarelhe, o nosso admiravel colaborador, está milionario!

O caso é que Amarelhe acaba de inaugurar mais uma das suas brilhantes exposições, o que equivale a mais um brilhante exito. Acontece porém que desta vez, além do exito, vae Amarelhe poder possuir autenticos brilhantes, e de muitos quilates.

Os compradores têm sido em tão grande numero, e tantas têm sido as encomendas que o nosso querido colaborador vae ficar milionario.

Mas—e agora a sério, tão a sério como se pode escrever no *Sempre Fixe*: quem quizer vér graciosas caricaturas e flagrantes «portrait-charges» que vá depressa ao Casino Internacional do Monte Estoril, onde Amarelhe o espera com a sua bela Exposição.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

ESTA semana começa — pode-se dizer assim — a época de inverno nos nossos teatros. Reabrem duas casas de espectáculo: o T. do G. e o T. A. Vão até reabrir no mesmo dia — assim rezam os reclames. Má tática e mau início. Para que vão fazer com que os habitués de premières se dividam? Qual o fim? E os críticos a qual assistem? Bem sei que há os substitutos... As empresas devem ter em conta estes casos, que só prejudicam as companhias... Mas adiante...

Como aperitivo para a temporada que vai abrir, o crítico A. de A. — considerado e justamente no meio teatral como sendo dos que melhor escrevem sobre coisas scenicas — fez no último número do *Cinefilo*, a propósito duma estreia de ha dias:

«Fala-se na crise do teatro, no desamprego de comediantes, nos embargos que surtem grande se pretendem organizar empresas e companhias actuaes, numa palavra — na concorrência tenelosa do cinema... Não se considera, todavia, o alarmante fenomeno que consiste no facto de individuos sem competência, intellectual e professional se enfilarem em empregos de directores teatraes, cobrando-se a trez de um puchado de artistas e esbaldando o mercado compe dignos de tablado, e por consequente do publico, as vantagens do meslho de...

«Tambem se he pedaco de presa duma murg e m'itudo... A responsabilidade do mal do teatro... E de ler se essa errou e erra... E neste... a murg e m'itudo... e por consequente do publico, as vantagens do meslho de...»

«O grande... a murg e m'itudo...»

«Sustentando... a murg e m'itudo...»

«Aguardemos agora o que nos oferece a nova época e o que dá nos olhos...»

«Como A. de A. diz... a murg e m'itudo...»

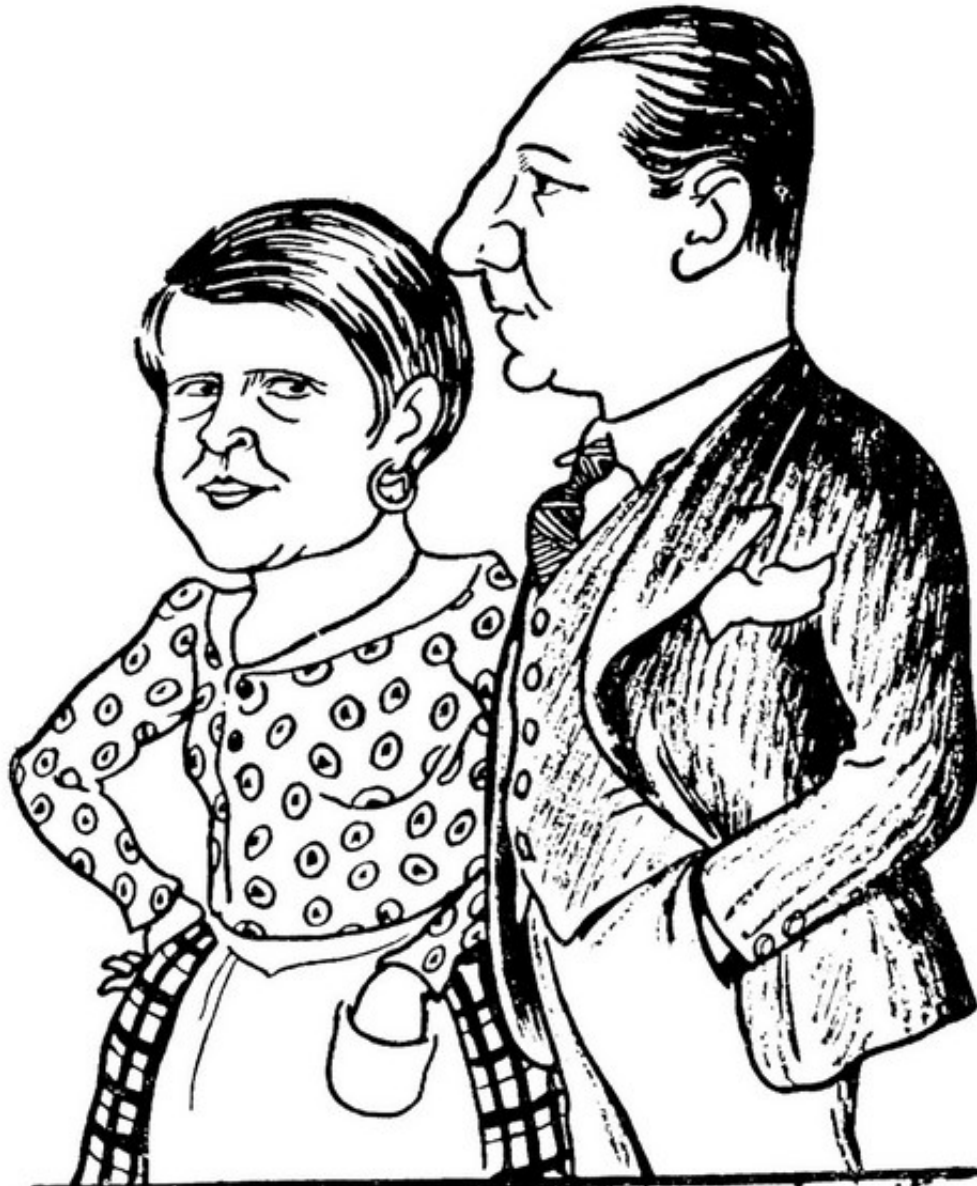
«AS obras em determinado teatro — outra celebre nos meios musicais — continuam com tanta rapidez...»

«Ha dias, um conhecido empregario falava com alguém de categoria que dirige uma corporação official...»

«Fica V. sabendo que aquele corredor ao fundo da entrada para os fauteuils fica muito bom. Já lá se gastaram 130 contos. Está todo em beton...»

«Em beton não acho bem. Dado o local e o teatro, devia ser em *Béton*...»

«O nosso colega *Cinefilo* agradece desta maneira o ter o *Sempre Fixe*...»



Ema de Oliveira e Santos Carvalho, dois dos artistas que com a sua graça mais teem adoçado a triunfante revista «Chá de Parreira».

insitada a catharina de A. de A., seu director:

«Mais uma vez *Sempre Fixe* quiz demosttar pelo director do *Cinefilo* uma sympatia e uma amizade que vem de longe. Aqui haes agradecimentos, certos, no entanto, de que o popularissimo semanario humoristico tor não exagerado nas suas elogiosas palavras, como o joven caricaturista o foi no *bonpoint* que mostra o seu desenho. Os nossos agradecimentos a todos...»

«Fomos vêr o que queria dizer *bonpoint*. Lá vem no dia seguinte — no polbre que nos temos — o seguinte:

Chá disposto, perfeita saúde, guardião, nobre, ultradão.

«Não tem que nos agradecer, nem a nos, tem o joven caricaturista...»

«São de justiça as palavras que sempre empregamos quando nos referimos a A. de A. E' um mestre do trabalho e um exemplo de trabalho...»

«OS jornais publicaram o seguinte telegrama: :

«SANTIAGO DO CHILE, 24. — «A Nação» publica que as aspirantes estrelas aceites no concurso fotografico da Fox, autor do cinema falante, viram as suas esperanças destruidas, apenas nascidas...»

«Uma só, dentre elas, Lia Tora, continúa a sua carreira artistica, graças á sua fortuna, que lhe permite elaborar em filmes por sua conta. Organizou um sobre um assunto portuguez, um assunto simples e gracioso: «Amor campes-

trino, como mostra a vida simples dos vales em Portugal...»

«Omar do da estrela, o visconde Julio de Moura, pôs em scena esta obra. Corresse em versão mudra e em falada, em portuguez e em espanhol. Este films custou 25.000 dollars...»

«Sera verdade? O curioso da telegrama é a frase: «a vida simples dos vales em Portugal...»

«Com que entao, viver de vales é simples? Que o digam as empresas teatraes... é as empresas dos jornais! Viver de vales... vive tanta gente boa...»

«Quando nos casamos? É a nova peça do T. N...»

«E' o rival que o A. P., seu director e autor do titulo, fez ainda esta pergunta...»

«Tem vergonha... e lembra-te que, apesar da pobreza, és grande em idade... Pelo menos os mais velho do que nos... e nos nunca mais fazemos a nós proprios — aquela pergunta...»

«A redette mexicana que o Brasil hospeda neste momento e que foi em Lisboa uma das pessoas que mais concorreu para que as revistas fossem o que hoje são, era conhecida — no meio teatral — pela *mulher do guarda-roupa*...»

«Esta alcunha, que aliás nada tem de ofensiva, val estender-se a outra artista portuguesa... que está agora tirando — ela propria — de confec-

cionar o guarda-roupa da proxima revista...»

«VAMOS ter novamente teatro de opereta. Assim se diz nos meios teatraes...»

«A. de V. «*metteur en scene*» da opereta mais aplaudida entre nós — volta novamente ao seu *metier*. Formou companhia e corre que vai para o T. V. logo a seguir a saída da companhia H. L. Afirma-se ainda que a prometteira figura fencimica e a actriz-cantora R. B. nota da gressa A. de B...»

«O D. de V. «*nota*»...»

«O D. de V. «*nota*»...»

«Operetas novas...»

«Pelo que tem vindo a publico, as respostas a esta pergunta são inlucidas, podendo affirmar-se apenas que elles sefao poudissimas...»

«Acho a bem...»

«Paris, na época de Lindog, teve em scena oitenta e trinta peças americanas e quinze inglesas. E é em Paris, onde ainda ha muitos e muitos Charles Mère, Lecommand, Bernheim, Sacher Guitry, Verneuil, Alfred Savoir, Bourdell, Pagnol, Rostand e tantos outros...»

«Ganhamos pelo teatro portuguez, que de ainda temos homens capazes de impoer no publico as suas obras...»

«UMA critica sobre a ultima obra portuguesa...»

«Annunciamos uma lida e honesta...»

«De quem se trata? Ozeim...»

«A peça foi, na verdade, um abortivo que não resstou a duas noites de puchos...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

«Como frequ dize, os autores não se atoveram a ostentar os nomes no cartaz...»

O Homem das 5 horas

Coisas da vida

Havia dez anos, lá que Apolinário lhe fazia a corte. Todavia, ela nem se lembrava dos seus galanteios. Não porque fosse má. Foi esta que quando er para mudar de sua categoria. Apenas porque, apesar de sua vida de liberdade, tinha um amor secreto. Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu. Foi a Maria da Graça. Desde então que pôde...

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma. Ela também tinha um amor secreto. Foi a Maria da Graça. Desde então que pôde...

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Bem. Não foi. Com uma condição.

Qual?

A de que me deixes dois contos de reis para as minhas despesas.

Apolinário correu a moedinha arrebatada. Deu graças de Apolinário não havia mais que a esquecer, mas não se esqueceu.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

Maria da Graça não se esqueceu de Apolinário, mas não se esqueceu de si mesma.

L.



— Olha os ricos marmelos assadinhos no forno...

Os cães e elas



— Anda cá, Lulu! Vem fazer a tua maquilhagem.

A vocação

John, como em todas as historias de soldados ingleses, cuspiu duas vezes, tirou três grandes humações do grande cachumbo e disse: — O pai de Harry não sabia o que havia de fazer do filho. Depois de pensar maduramente no caso, resolveu um domingo, depois de vestir o melhor fato que possuía, ir consultar o padre da freguesia sobre o assunto. Além de *chrysmata*, era um amigo e bem poderia aconselhá-lo, levando-o assim dum enorme peso.

O rapaz chegara aos quinze anos e era justo, humano, que ele proprio se offesse a carreira a seguir. Mas era mister que essa carreira fosse escolhida por voação e a certo e que ate ali não notara no garoto qualquer disposição especial.

Era feroz, pois, consultar o *chrysmata*, que já aconselhara com os melhores resultados alguns pais em condicoes identicas ás suas.

E um domingo, já em dizendo entregando a sua melhor freguesia, o pai de Harry dirigiu-se para casa do sacerdote, que com o melhor dos sorrisos o acolheu.

Então o que a traz por cá... a esta sua casa?

Eu lhe digo, estou embarradaissimo.

Explique-se, homem. Não ha nada impossivel na vida. Lim que lhe posso ser útil para o salvar. Le embarrado?

Sabe que eu não sei o que fazer de Harry. Qual a carreira que ele ha de seguir... E vou, por isso, aqui para que me de um conselho.

O *chrysmata*, depois de ouvir o pai de Harry e maduramente pensar no caso, sentenciou:

O meu amigo vai para casa socegado. À noite, no quarto do rapaz, põe-lhe um prato com manteiga, uma Bíblia e um saço com libras. Depois, fecha o rapaz á chave e amanhã, consoante aquilo em que o rapaz mecher, você faz do seu filho um hoteleiro, um sacerdote ou um banqueiro.

O pai de Harry partiu e pôs em execução o plano do padre.

No dia seguinte, quando foi pelo resultado, viu:

Primo: — que a Bíblia estava no chão;

Secundo: — que as libras tinham, com uma certa alegria, passado para as algibeiras de Harry;

Tertio: — que do prato com manteiga... só existia o prato.

A MEDICINA

Da eficácia da reflexoterapia bem pouco me resta a dizer, porquanto os casos clinicos por nem já apontados são de molde a destacar imperativamente qualquer dúvida que no cerebro de alguns co-existe com a mais formidável estupidez.

E agora, para terminar as minhas, por assim dizer, gráficas demonstrações, vou prevaricar que o metodo em questão não só e soberano effeito para os dentes como ate para os seus e esotricos e de aconselhar.

Sempre me foi de lembrar do que me sucedeu ha meses e do que só agora obtive a minha explicação.

Uma tarde, entrou-me no consultorio um leuante, moço ainda e de estatura estella, coçando e gemendo.

Que tem, meu amigo? — perguntei-lhe, sorrindo.

— Ah, sr. doutor, creio que e reumatismo. Mas soffro muito, doer, soffro muito!

— Venha comigo. E, amparando-o, levei-o para a cadeira, já hoje celebre, onde faço as applicações do metodo Asuro.

Até chorado e soluçada, preparei os ferros e *pan! pan!* — queimei-lhe as duas narinas. Ven buscar o estejo para guardar os ferros e, quando volte, vejo que o homem desapareceu. Ah, amigo, após ter esquadriñado tudo, corra a janela. O homem lá a pé ar a a e curme e a arrastar-se depois. Julgá-me y uma dum ataque brusco de hemiplegia. E car, redondo, com uma síncope.

Reo vera não a mais pensar nesta scena, para me não perturbar, quando, só, recebi uma carta de letra desconfiada. Resava assim:

Excelentissimo Senhor Doutor:
— E de Fraxo-de-Espada á Carta, onde vim a cair, na tarde da operação a que me sujeitei na sua casa. Eu sou aquele homem que saiu a voar pela janela. Eu não estava doente, e queria fazer-lhe a partida de ll'o dizer depois de, muito a sério, ter feito a operação. Ah! Senhor Doutor, fui bem castigado! Só hoje lhe escrevo porque tenho estado muito mal do trambulhão que dei, quando se me acabou a corda. Assim lhe escrevo para lhe pedir desculpa da minha saída tão brusca e servir de testemunha da eficiencia miraculosa do seu processo.

Dr. Valeriano.

Elevador da Gloria

Vocelencias não acreditarão, mas esta é verdadeira. Pelo menos assim o julgo. Se o não fór, vocelencias tambem não perdem nada com isso... nem eu.

Havia lá na terra um homem chamado Lucas que era um espertalhão de marca X. Em compensação, entre outros animais, havia também lá um chamado Tobias que, apesar da sua estupidez, era um trabalhador incansavel.

O Lucas, sempre que precisava de algum trabalho, chamava o Tobias que, com a mellhor das boas vontades, o servia.

O certo é que o Lucas comia sempre as papas na cubeca — como sói dizer-se, ao Tobias, que não dava pelo logro.

Um dia, o Lucas aproximou-se do Tobias e disse-lhe:

— Amadri abo a casa. Pre-fo de um camarheiro. Queres ir a trabalhar?

— Pô! Pô! sim, sr. Lucas.

— Bem. Mas não te podes ir pelo caminho, Oliveira?

— Sim, sr. Lucas. Mas...

— Mas o quê?

— É que eu não posso trabalhar de graça.

— Oh! homem! Mas não trabalhas. Nos vamos a casa e, dividimos ao meio a comida.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama. Ao levantar, amanhã, estava Tobias a tirar o leite da vaca. E da vaca, os melhores favores em os duma municipal extraordinaria e grande foi o numero de pegos de que os cães trevaram a nos encadados.

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

O Lucas, espertalhão, fez um monte de pegos de que os cães trevaram a nos encadados.

— Vou a trabalhar isto como dos trevos.

— Sim, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— Vou a trabalhar isto como dos trevos.

— Sim, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— Vou a trabalhar isto como dos trevos.

— Sim, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— Vou a trabalhar isto como dos trevos.

— Sim, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— Vou a trabalhar isto como dos trevos.

— Sim, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— Vou a trabalhar isto como dos trevos.

— Sim, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— Vou a trabalhar isto como dos trevos.

— Sim, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— Vou a trabalhar isto como dos trevos.

— Sim, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— Vou a trabalhar isto como dos trevos.

— Sim, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— Vou a trabalhar isto como dos trevos.

— Sim, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.

— É? Não!

— Não, sr. Lucas. E Lucas e Tobias prepararam as actas e foram para a cama.



A mulher: — Veja se tem le e mais comida que o costume, porque temos convidados.
O marido: — Descansa. Eu Alguarol os talheres...
(do Dorbarbier, Bertini)

Quereis dinheiro ?
Jogal no
Lama
Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes!

TAC-TAC-TAC

ORIGEM DO NOME AMADOR

Para que não me venham logo com lóas de scepticismo, supondo que eu ando para aqui a inventar disparates, quando eu soumo a fazer nestes meus escritos um repositório de dados historicos, desde já lhes vou citar a origem do que vão ler. É a Cronica de Abadia de Turpenay, guardada preciosamente nos Arquivos da Biblioteca Nacional de Paris. Tudo assim fica esclarecido, que eu não gosto de intrigas.

A Abadia de Turpenay tinha de longa data um grave litigio com o Senhor de Conde, em cujos domínios ella estava encravada. Perder esse litigio seria a ruina para a nobrissima Abadia e a perda da mesma se submetta a hostilidade existia de Frei Amaro, que era na expressão da época um certo soldado da nobreza e castanheiro. Apesar disso e estando com a sua desconfiança, o Abade em contragosto de ir negociar com o visconde, Senhor de Conde, para final do litigio, mandou Frei Amaro, confiante, acceitar, pensando o seu terror no que dele se iria se a Abadia cresse na sua seta.

Bem, em mal, como podes, introduziu-se o frade no castello da inimiga, onde se recolheu com as portas trancadas. Lá, nos seus desenhos, a tudo resistindo, ando tudo em suspenso e com a posse a pouco tempo e a sua desconfiança, com as boas graças do elemento inimigo. A poucos dias, foi libertado, depois a sua

chegada, fazia gemer nos seus braços, em deliquios de amor, a castela, a filha dela, uma sua criada e a criada de quarto.

Completamente subjugadas, as mulheres todas do castello tanto barafustam e aploentam o Senhor de Conde que lhe arrancam a assinatura duma documento em que elle reconhecia os direitos da Abadia, desistindo do celebre litigio.

Triunfante, Frei Amaro voltou logo ao Mosteiro, brandindo o documento libertador, que, solene, apresentou ao Abade.

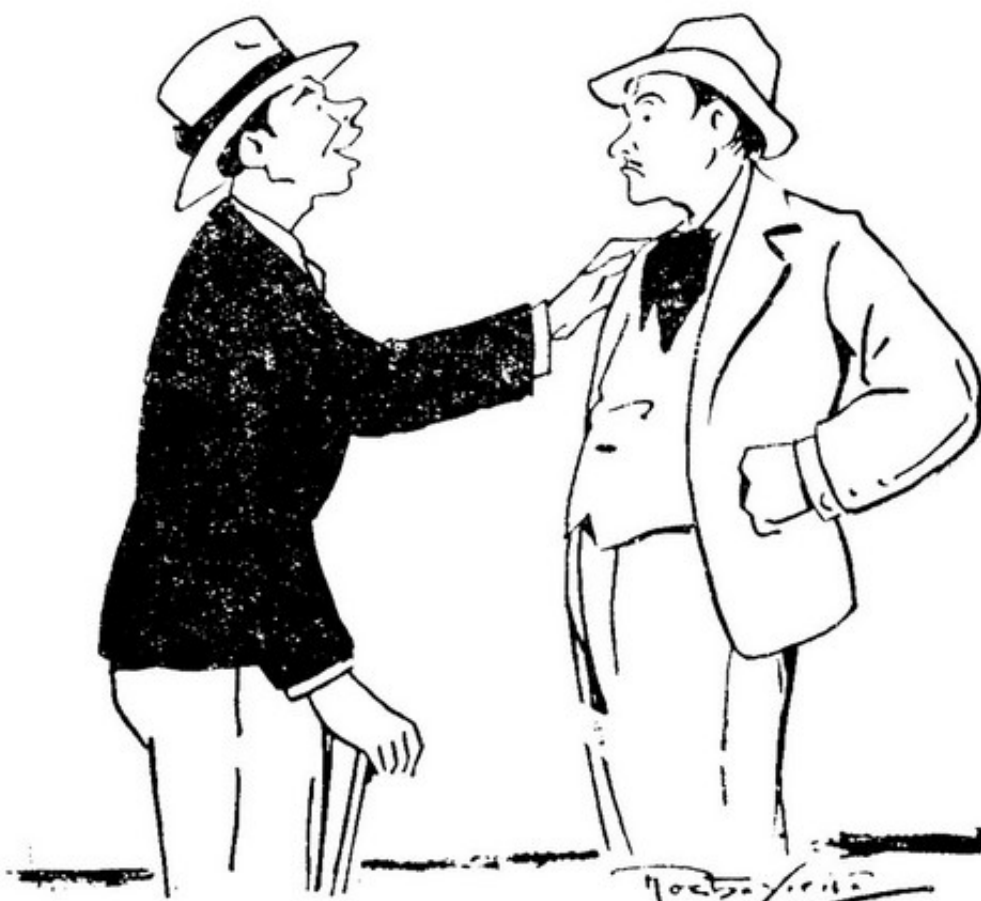
Este, tendo lido o escrito, exclamou com enthusiasmo, ante toda a comunidade, reunida em concilio:

— Carissimo filho, não ficaria bem que continuasse a chamar-te Amarus (amargo) quando tão docemente te fazes amar e tão ardentemente amas. Por isso bem me parece que deves mudar de nome. Chama-te-lhas, de-lhas, em diante. De-lhas, que bem me lembra esse nome. Mas em todas estas conjuncturas se te seta o dedo da Providencia, a quem devemos dar graças por esta victoria.

Frei Amaro acceitou com gosto e alegria o seu novo nome de Amador, pelo que foi muito celebrado por toda aquella santa comunidade.

— Mas não para sempre, ostende o dedo da Providencia...

Cirano de Velhofrac.



— Estou zangado com o Carlos porque me disse não compreender os meus quadros.
— Não faças caso. Ele só diz o que os outros pensam.

"A Peninha" "Restaurant"
O seu proprietario previne os seus Ex.^{mos} amigos e clientes que reabriu este acreditado "restaurant", na rua Pascoal de Melo, n.º 9.
Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este "restaurant" encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os tambem aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietario, que espera e agradece uma visita á nova
"PENINHA"
9, Rua Pascoal de Melo, 9-A (a Almirante Reis)
(junto á fabrica de cerveja Portuguesa) — TELEPHONE N. 5582

Prosa de Cha-Velho

O Anecdótico de Rafael Gomez, del Gallo, encerra muitas paginas e muita graça. Rafael é andaluz e cigano, isto é, tem graça pelos quatro costados, e graças como esta que um jornal de Madrid contava ha dias:

Uma manhã, Rafael, em uniao de varios amigos, introduziu-se numa taberna de Barcelona. Estava o estabelecimento cheio de abons copos quando Rafael entrou com a sua comitiva, e os bebedores ficaram pendentes dos gestos do popular toureiro. Acceou-se um criado de Rafael e, solícito, aguardou ordens.

— Tracle Manzanilla — ordenou o Gallo.

E, minutos depois, na mesa da côrte do toureiro, brilhavam as douradas cañas de Manzanilla. Dez amigos iam com Rafael e dez vezes se enchiam os copos, no rito da erodia.

A Rafael ja lhe parecia muito liquido o bebido; mas, como surgisse um desconhecido oferecendo pagar tambem uma erodia em honra do toureiro e da sua companhia, o Gallo não se pôde conter e exclamou vivamente:

— Zefiro! Éz que vamos a nadar?

O mesmo jornal conta outra anedota lembrada a Tanchis, durante as erodias das festas da Virgen del Pilar, em Zaragoza, anedota que outros atribuem tambem a Rafael:

Estava era costume multo usado que na mesa dos festos se serviam sempre pinchos de comida e de a sua grelha, e sempre era o cantador quem transmitia ordens aos erodias.

Entre os pinchos do almoco figuravam pinchos de comida e de a sua grelha, e sempre era o cantador quem transmitia ordens aos erodias.

Assim se fazia a erodia. E visto que Rafael era o cantador da quadrilla de Erudicos, e visto que, sendo novamente chamado o erodia, a quem o Gallo explicou:

— Não, Rafael, não se queixes se erodia que estou quando pagamos...

Esta anedota foi multo conhecida. Depois duma erodia e uso, o Gallo de San Sebastian, el novelo del Gallo, um humorista a que, segundo elle, assistiram abns primeiros figuras de todas as artes representadas em San Sebastian.

El Gallo de Rafael, sentiamos os serenos convivia que de assim classificados:

El Gallo, o principal cantador.

Antonio Gallo, o principal erodia.

O nuestro Guerrero, o principal compositor.

Romero de Torres, o principal pintor.

Ja into Benavente, o principal dramaturgo.

Pedro de Llanos, o principal compositor.

Enrique Velasco, o principal erodia.

E este erodia de vocelencias, como principal jornalista portuguez, pela razão minha de erodia não haver outro em San Sebastian.

Acce, est, porém, que, no todo do arbitrio, estava um desconhecido de cara suspeita, que Rafael apresentou assim: El principal cotrabandista de España...

Perez la chaise.

ATUM EM AZEITE ? !
Só TENORIO...
MARCA REGISTRADA



O que se diz e o que se não deve dizer

O "salon" automovel de Paris

Abriu, em Paris, o Salon Automovel. Para Paris convergiram os amadores ricos do automobilismo — e entre eles bastantes portugueses.

Ha, porém, uma coisa que impressiona este ano os habitués do Salon. Antigamente, os visitantes andavam perplexos, meio-tontos, naquela barafunda motorista. Hoje têm evidentemente uma ideia fixa.

Ja não dão a volta aos stands como dantes: — indecises perante as solicitações contrarias. Transpõem a porta da Exposição com a ideia bem firme de abandonar um determinado charros que lhes enche a imaginação.

Durante semanas fizeram desse modelo escolhido o retrato de perfeição. E a sua primeira visita é para o stand que conta o auto dos seus sonhos. E' a visita de apresentação. O carro e o retrato de seus travam o pensamento.

O presidente da comissão tem o char. Volta a elle — so com os olhos, e — baro... — as cara torçoes amareladas. Apalpa-o — mas não ao de leve...

E exagera-lhe mentalmente as vantagens e os encantos para confirmar bem a opinião que tem.

Esta visita parece que deveria ficar unica. Mas não! O comprador des'ano, já convertido a uma determinada marca, dá a volta completa ao Salon para se dar a si proprio a illusão de que o auto escolhido não tem rival, nem terá durante muito tempo...

Evidentemente que, apos a visita ao carro recentemente comprado, nada effecto interesse a seus olhos...

Aqule carro... para pelo preço exorbitantissimo, em comparação com o do profundo.

Aqule outro... é grande demais. Este... é muito pouco espaço.

O ante-penultimo é... ou muito lento... ou rapido demais.

E ao ultimo visitado... falta-lhe um pequeno detalhe mas que tem uma excepcional e formidavel importancia... porque existe no carro favorito.

Quando sai da exposição, o visitante leva, portanto, ainda mais fortificada a ideia que lhe foi sugerida... Deus sabe como...

E' absolutamente escusado objectar-lhe que ha uma outra marca oferecendo certas vantagens duma certa ordem.

Porque o visitante considera-se uma competencia desde que ponde verificar — lá a seu modo... — que o carro que ha de comprar e o ornamento do Salon.

Antigamente, o comprador só fazia a sua escolha apos numerosas e difficeis consultas. Mantinha-se indeciso até ao ultimo momento e a-abava quasi sempre por escolher pela maioria, isto é, comprando o carro mais vendido no Salon.

As coisas mudaram... e a mentalidade do comprador tambem. Hoje, que

as competencias são mais numerosas do que os assumos sobre que se exercita, o papel de vendedor do Salon reduz-se ao d'um distribuidor de catalogos.

Porque, se o visitante esta convertido a causa, é superfluo fazer-lhe discursos. E, se não está, as explicações são ineficazes.

Então? Então... ha que descobrir um processo de suggestão a distancia!

Rebola-A-Bola.

Balada da "alma" que se perdeu

Baila, baila, baila, baila e dança!
De pontapes a bola e sempre o centro,
Deixa a gitar, Deixa viver na esperança,
Que toda ha de entrar pelas balizas dentro.

Sem a bola
Los pontapes que lhe vão dando,
E diz consigo: Não têm tola
Os mamarrachos que estão esboçando!

Vai ter ás nuvens, no infinito,
De vez em quando ouy se um auto
Da multidão toda contente:
— Agora! Agora!
Mas foi p'ra fora
Infelizmente!

E' sempre assim, Verdade seja
Muitos bonitos, muita passagem...
Que e dela a alma, que e da coragem,
Que e da agenciao que na peleja
Linha a egajadao das outras eras?
Eras saudosas, eras remotas,
Havia sangue naquelas veias,
Agora: ha netas,
E as algebras andam bem cheias.

Pailarinos loucos do capite,
Não têm sangue, mas capite

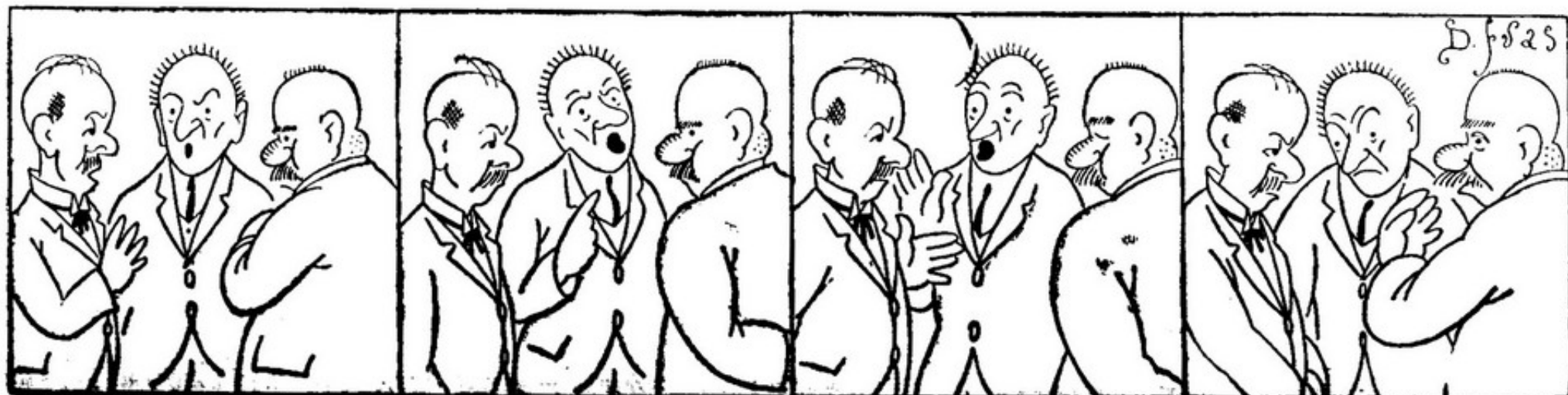
Baila, baila, rodopia e dança,
De pontapes a bola e sempre o centro,
Deixa a gitar, que já perden a esperança
De um dia entrar pelas balizas dentro.

Zé Maria.

Os rivais têm caruncho



Vozes do publico: — Ai filhos... vão-se vestir.



— Ha mulheres tão corajosas como os homens. Eu até já vi uma domadora de feras!

— E que me dizem vocês á coragem daquela que atravessou o Atlantico num avião?

— E a que em Paris deixou sem sentidos quatro apaches que a assaltaram.

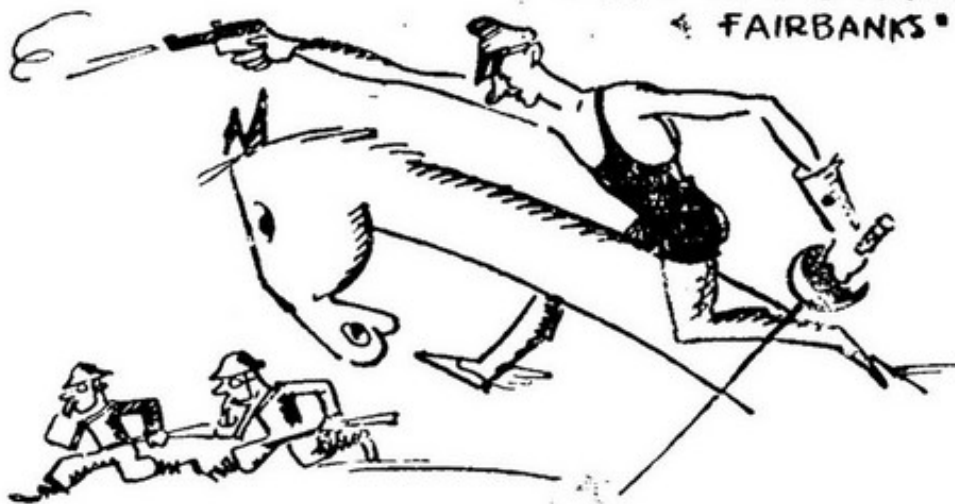
— Pois eu conheço uma tão corajosa que nem sequer tem medo dos ratos!...

ECOS DA SEMANA

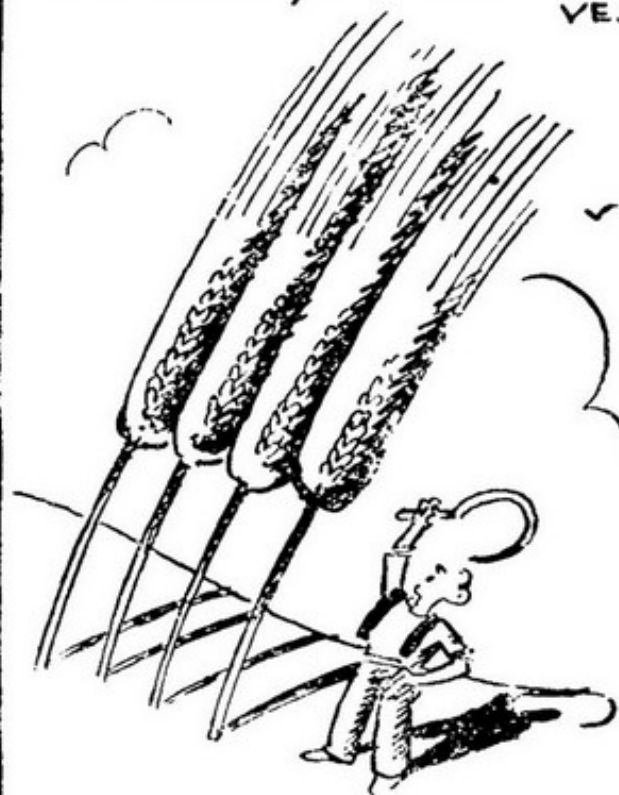
COMEÇOU O NOVO ANO "LEITIVO". PROFESSORES E ALUNOS CAMINHAM PRESSUROSOS PARA AS AULAS.



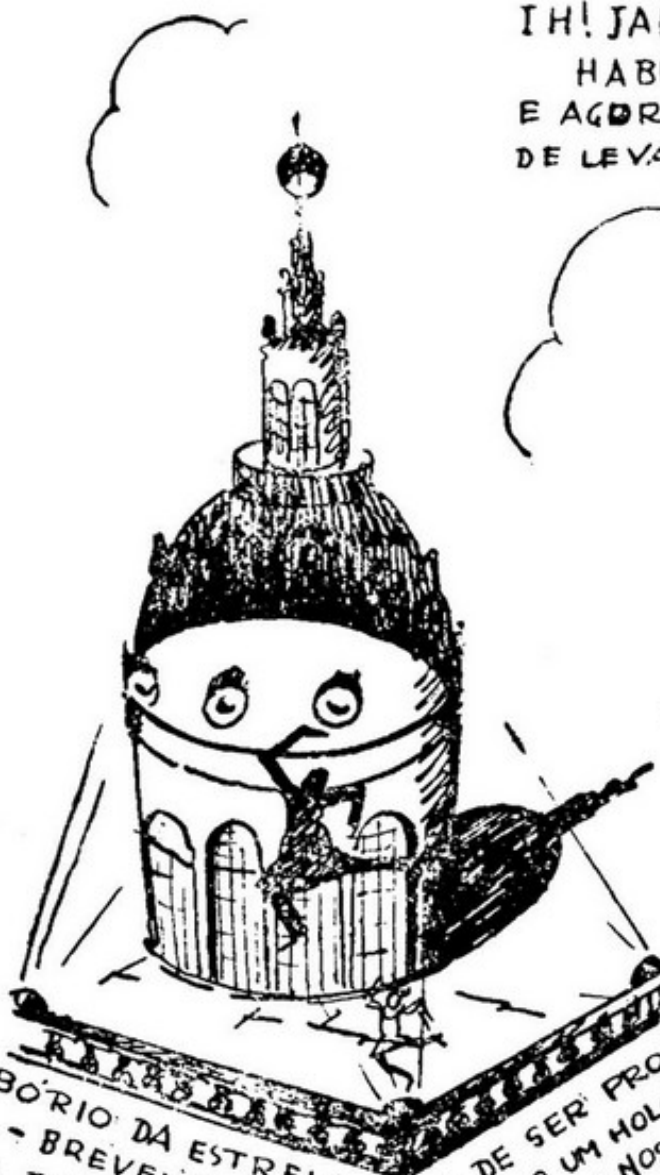
JORGE OOM E PAÍS OS DOIS TÊSOS PENTATLONICOS, CONSTA QUE O 1º VAI SER CONTRATADO PARA UMA FITA A "DOUGLAS FAIRBANKS"



OXALA QUE O TRIGO DA CAMPANHA CRESCA TANTO, QUE TODO O MUNDO O VEJA -



IH! JAH! AMANULAH! PÔDE JAH! HABIBULAH! E AGORA VIRO EU E AGORA VIRASTE... SÃO CAPAZES DE LEVAR A VIDA NISTO.



O PROCESSO "ENROLA" METROPOLE. DEPOIS DE DAR TANTO TRABALHO AINDA FAZ GASTAR AS FEBRAS A UMA JUNTA (AUTÓNOMA) DE GALEGOS PARA O LEVAR A BOA HORA.

O ZIMBÓRIO DA ESTRELA ACABA DE SER PROMOVIDO A FAROL - BREVEMENTE SERÁ COLOCADO UM HOLO FOTE NA VARANDA PARA VIGIAR AS ALMAS PERDIDAS NOS RECANTOS DE LISBOA

FALA-SE NUMA "ORQUESTRA MUNICIPAL". VAMOS ISSO. JÁ ESTAMOS FARTOS DE ORQUESTRAS A FINGIR COM MENINAS HISTÉRICAS E MENINOS DE MAMA.

